

ARTIGO

FICÇÃO, HISTÓRIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS NA COMPARAÇÃO DAS AMÉRICAS DE FRANCISCO GARCÍA CALDERÓN E SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (1912-1959)

FICTION, HISTORY AND INTERNATIONAL RELATIONS IN THE COMPARISON OF THE AMERICAS BY FRANCISCO GARCÍA CALDERÓN AND SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (1912-1959)

RENATO MARTINS*

RESUMO

Este artigo busca compreender o significado das relações entre a escrita da história, da ficção e das relações internacionais na reflexão comparada sobre as Américas realizadas pelo ensaísta e diplomata peruano Francisco García Calderón (1883-1953) e pelo crítico e historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). Tais correlações serão percorridas a partir de uma documentação de autoria destes autores, e de uma problemática comum por eles enfrentada: o arielismo, corrente de pensamento que se utiliza de personagens da peça *A tempestade* (1610 e 1611), de William Shakespeare, como símbolos culturais para demarcar a singularidade da parte do mundo conhecida como América Latina em relação aos EUA.

PALAVRAS-CHAVE: Sérgio Buarque de Holanda; Francisco García Calderón; Ariel; História da América

ABSTRACT

This article seeks to understand the significance of the relations between the writing of history, fiction and international relations in the comparative reflection on the Americas carried out by the Peruvian essayist and diplomat Francisco García Calderón (1883-1953) and Brazilian critic and historian Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). These correlations will be traced from a documentation authored by these authors, and a common problem they face: arielism, a current of thought that uses characters from the book *The Tempest* (1610 and 1611), by William Shakespeare, as symbols to mark the difference of the part of the world known as Latin America in relation to the United States.

KEYWORDS: Sérgio Buarque de Holanda; Francisco García Calderón; Ariel; History of America

Introdução

Resultado de uma pesquisa de pós-doutorado em andamento, este artigo propõe e percorre algumas relações entre *ficção*, *história* e *relações internacionais* nas escritas sobre a comparação das Américas do escritor e diplomata peruano Francisco García Calderón (1883-1953) e do crítico e historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). Elas são tratadas como regimes de historicidade, formulados em condições sociais, mediante práticas de escrita peculiares, e interrogadas a partir de uma problemática por eles enfrentada: o arielismo, corrente modernizadora de pensamento inaugurada na década final do século XIX que se utiliza sobretudo de três personagens da peça *A tempestade* (1610 e 1611), de William Shakespeare, para demarcar as aproximações, mas, principalmente, a singularidade do mundo que, à época, passa paulatinamente a ser qualificado de América Latina em relação aos EUA. Ariel, um dos personagens, representa o ‘espiritualismo desinteressado’ latino-americano; por isso, oferece contraste, e, em menor medida, conciliação, com o ‘utilitarismo materialista’ da América anglo-saxã, associada a Caliban, outro protagonista de autoria do escritor inglês. Próspero, enfim, é aquele que oferece uma conciliação entre essas duas inclinações.

Para tanto, o artigo é dividido em quatro partes. A primeira procura explicitar seus pressupostos metodológicos. Vale dizer, um diálogo fronteiriço entre História e Antropologia que me parece capaz de tangenciar a abordagem das escritas de Francisco García Calderón e Sérgio Buarque de Holanda pela perspectiva da história intelectual. A

parte seguinte oferece uma reflexão acerca daquilo que se considera a condição social das escritas de nossos autores: as concepções de arielismo da “Geração Hispano-Americana de 98”, e particularmente de dois membros importantes dela, o poeta nicaraguense Rubén Darío (1867-1916) e o escritor uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917). Formada por intelectuais espanhóis e latino-americanos em reação à conjuntura alavancada pela Guerra Hispano-Americana de 1898, o grupo, como veremos, foi diretamente responsável pela formação das escritas ‘arielistas’ de Buarque de Holanda e García Calderón.

A terceira parte investiga as reflexões do escritor peruano e brasileiro sobre ficção, história e relações internacionais, procurando mostrar o que este artigo entende por cada uma destas três modalidades de escrita, e como elas são mobilizadas pelos dois autores. As modalidades de escrita propriamente ditas são percorridas em dois momentos: (1) as relações biográficas e intelectuais dos dois autores com a geração de 98, e em especial, com Darío e Rodó; e, finalmente, (2) a importância desta sociabilidade nas escritas ficcional, histórica e das relações internacionais que têm como cerne a comparação ‘arielista’ das Américas. A última parte corresponde à conclusão do artigo. Chama-se atenção para o fato de que os procedimentos metodológicos de escrita que as próximas páginas buscam investigar são em grande medida formulados em círculos de intelectuais ambientados na própria América Latina, e não exclusivamente no Atlântico Norte. Além disso, retomamos os aspectos mais importantes da conformação destes procedimentos metodológicos nos regimes de historicidade desenvolvidos por García Calderón e Buarque de Holanda.

Se as fontes utilizadas são delimitadas nas próximas páginas, cabe adiantar que a periodização da análise é circunscrita aos anos de 1912 e 1959, datas, respectivamente, de publicação de duas delas: *Las democracias latinas de América*, de Francisco García Calderón, e *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, de Sérgio Buarque. Este período é circunscrito pela observação de Oscar Teran segundo a qual o arielismo estaria situado numa série de “discursos ant imperialistas” que, entre 1898 e 1914, marcos, nessa ordem, do início da Guerra Hispano-Americana de 1898 e da Primeira Guerra Mundial, “comienza[n] a cobrir la superficie política y cultural del subcontinente latinoamericano”.¹ E que perduram aproximadamente até o fim dos anos 1950.

Questão de método

Este artigo parte de uma proposição antropológica apresentada por Marshall Sahlins em “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica”, segundo a qual o capitalismo e a globalização, longe de imporem uma hegemonia sobre o planeta, têm incentivado uma diversidade de formas e conteúdos culturais historicamente sem precedentes.² Uma maneira eficaz de elucidar algumas destas formas é reconhecer que, no âmbito da política externa, o século XXI vem caminhando para uma ordem global multipolar, por assim dizer: países em ascensão, como a China, ou emergentes, caso do Brasil, Índia, etc., diversos em termos históricos e culturais, vêm relativizando o status de superpotência dos Estados Unidos. É possível até mesmo supor que, por conta da ascensão de potências não ocidentais, o presente século talvez

seja testemunha de uma ordem global na qual o Ocidente não seja mais a referência política e cultural dominante.³ A proposição é adequada para situar a abordagem metodológica deste trabalho, que se inscreve no domínio da história intelectual, pois permite tratar as escritas de Francisco García Calderón e Sérgio Buarque de Holanda como formas culturais historicamente geradas por esta diversidade (no caso, uma diversidade de matrizes em parte ocidentais, dentro do espectro do Sul Global).⁴ Pensando com Claude Lefort, caberia, no limite, “colocar em questão a ideia de uma História universal”, a substituindo pela *pluralidade* das “formas de história” já que “é impossível falar da História no singular”.⁵

As referidas escritas, com efeito, são ao mesmo tempo abordadas como uma operação historiográfica, nos termos propostos por Michel de Certeau em *A escrita da história*.⁶ Lembre-se que a operação é pensada inclusive para avaliar as escritas de intelectuais, vinculados ou não, ao campo disciplinar da História.⁷ E ainda reforça a proposição aludida ao reconhecer que a modernidade e seus lugares de produção intelectual são impensáveis sem a diferença e a fragmentação. As escritas da história, desse modo, nada mais seriam do que discursos sobre um saber nativo, do *outro*.⁸ Enquanto tal, a operação é constituída por três momentos que, cabe insistir, ao assumir um ponto de vista capaz de pensar e problematizar a diferença, aponta comumente para alteridades que se organizam sob a forma de escrita. É marcada, portanto, por um *lugar social*, no qual grupos e/ou instituições são sediados; uma *prática* metodológica, equacionada consideravelmente por este lugar; e uma *escrita*, produzida pela conjunção destes dois fatores.

Nas próximas páginas, a sociabilidade biográfica e intelectual de García Calderón e Buarque de Holanda com a geração de 98 será tratada como este lugar social, responsável, pois, pelas práticas metodológicas e escritas de um e outro autor. Estas escritas são ao mesmo tempo analisadas como regimes de historicidade, noção desenvolvida por François Hartog a partir das concepções de tempo e alteridade de Certeau e, principalmente, de Sahlins e Lefort. Assim, é possível iluminar a produção de histórias que podem ser investigadas pelo modo como três categorias temporais (passado, presente e futuro) se articulam, tornando perceptível uma ordem do tempo. É dessa forma que o terceiro momento da operação será particularmente interrogado.⁹

A geração de 98 e o arielismo

Na história da América Latina, 1898 foi uma “data-símbolo”, como lembra Maria Helena Rolim Capelato: por um lado, expressa o fim da presença metropolitana da península ibérica na América; por outro, consagra o processo de ascensão da federação norte-americana à categoria de grande potência mundial.¹⁰ O êxito estadunidense advindo da independência de Cuba sob sua tutela e a incorporação de Porto Rico e Filipinas aos seus domínios foi objeto de intensa reflexão de grupos de intelectuais nos dois lados do Atlântico: “em sua grande maioria, os intelectuais do final do século XIX questionaram os valores de uma cultura expansiva – a anglo-saxã – cuja impetuosa modernidade se impôs sobre a tradição humanista da cultura latina que esteve na base da cultura ibérica”.¹¹ Tal conjuntura impulsiona o debate sobre o lugar da América

Latina no continente e, com efeito, seus modelos de modernidade (ou seus conceitos de americanismo, se preferirmos). No fundo, a questão foi delimitada por Luiz Werneck Vianna em “O problema do americanismo em Tocqueville”, capítulo de *A revolução passiva*: “tem o conceito de americanismo vigência histórico-universal ou, contrariamente, é singular ao tipo de liberalismo que se implantou nos EUA à base da cultura de tradição puritana e do republicanismo de suas [...] comunidades [...]?”¹²

Filha deste debate, a “generación del 98” o fornece uma resposta original ao delinear a seu próprio tempo um projeto presente e futuro de americanismo, sem esquecer as bases passadas da *hispanidad*, isto é, a “comunidade espiritual entre Espanha e América”. É como “ser outro sem deixar de ser o mesmo”, segundo Javier Pinedo.¹³ Célebres personagens da literatura ocidental são assim mobilizados por membros espanhóis da geração para dar cabo ao projeto. O filósofo Miguel de Unamuno (1864-1936), membro destacado do grupo, por exemplo, “acolhia a consigna da famosa geração de 98 – composta por ele próprio, Valle Inclán, Antonio Machado, Baroja, Azorin – de retorno [...] à figura de D. Quixote para a resolução da “questão Espanha”. Sua identificação “é com o Quixote [...] e com Sancho Pança [...] pois [...] seriam os típicos personagens paradigmáticos da alma espanhola, atravessada por um ‘sentimento trágico da vida’”.¹⁴

Porém, o recurso aos personagens shakespearianos para demarcar diferenças e continuidades entre uma América “latina” e “anglo-saxã” é realizada de forma significativa pelos membros latino-americanos da geração. Sobretudo dois deles, que tiveram impacto considerável nas reflexões de Buarque de Holanda e García Calderón: Rubén Darío e José

Enrique Rodó. O termo “arielismo”, no limite, é formalizado e consagrado como uma corrente de pensamento quando Rodó publica *Ariel*, em 1900, que se torna de imediato um manifesto da geração.¹⁵ De forma geral, três personagens de *A tempestade* são mobilizados pelo arielismo: Ariel, o “espírito do ar”; Caliban, o “escravo selvagem e deformado”; e Próspero, o “legítimo duque de Milão”. Ariel é interpretado pelo arielismo como um “idealista” cuja compleição é parecida com aquela “comunidade espiritual entre Espanha e América” encarnada por Quixote e Pança. Agora, contudo, Ariel representa fundamentalmente uma ideia específica de América Latina que, diferentemente dos personagens de Miguel de Cervantes, oferece um contraponto à “brutal materialidade” estadunidense, protagonizada por Caliban. Próspero, comumente associado a uma espécie de “elite latino-americana do espírito”, seria enfim o responsável por conciliar Ariel e Caliban.¹⁶ Não obstante as variações históricas presentes no interior da geração de 98 e do arielismo (movimento que, ademais, não se restringe ao grupo), é possível notar uma *opção*, neste caso, por um modelo de modernidade mais *intelectual* e menos *pragmático*.

Esta *opção* é indicativa de elementos importantes para uma compreensão mais apurada sobre uma perspectiva nativa desta proposta de americanismo.¹⁷ Até porque, como demonstra Luiz Rebaza Soraluz, se a recepção à peça *A tempestade* por intelectuais do Atlântico Norte é realizada em larga medida na primeira metade do século XIX por Edgar Allan Poe (1809-1849) e Charles Baudelaire (1821-1867); estes, de fato, não abordam de forma persistente a problemática da comparação das Américas.¹⁸ Edgar Allan Poe publica nos Estados Unidos, em 1842, *A*

máscara da morte rubra, um breve relato que transcorre num país invadido pela peste, cujo sintoma é o sangramento da pele. Próspero encarna o ambíguo papel de governante desse país (e/ou um modelo de artista moderno). Conforme a invasão progride, decide, junto aos membros de sua corte (e/ou vanguarda artística), se exilar num magnífico castelo. Próspero então oferece uma festa aos seus colegas. Mas, no meio do evento, o anfitrião e os demais presentes notam a presença indesejada da “morte rubra” entre eles.¹⁹ Baudelaire se dispõe a traduzir *A máscara da morte rubra* aproximadamente cinco anos depois de sua publicação. Em 1852 publica *Histórias extraordinárias*, que corresponde à primeira entrega das traduções. O volume é aberto com o ensaio “Edgar Allan Poe, sua vida e obra”, que, a rigor, não propõe mudanças significativas na leitura de *A tempestade* oferecida por Poe. Exceto o fato de que, para o poeta francês, Próspero, na condição de um artista moderno, é o próprio autor de *A máscara da morte rubra*.

Em Poe ou em Baudelaire, Próspero acolhe uma crítica ao modelo de modernidade liberal-puritana dos EUA (Próspero no fundo reivindica o ócio e a contemplação intelectual). Mas esta crítica se *formaliza* num *método* de comparação das Américas com Rubén Dário e José Enrique Rodó, aqui abordados conjuntamente e na medida em que são capazes de delinear uma topografia de interesses da geração de 98. Leitor atento de Edgar Allan Poe, Rubén Dário publica, 42 anos depois de Baudelaire concluir “Edgar Allan Poe, sua vida e obra”, o ensaio “Edgar Allan Poe: fragmento de um estudo”²⁰ (1894), sobre a sua primeira viagem aos Estados Unidos. Junto a outras reflexões do poeta nicaraguense, caso do artigo “El triunfo de Calibán”²¹ (1898), a publicação promove mudanças

interpretativas na recepção de *A tempestade*: desde então, Edgar Allan Poe é o próprio Ariel que rivaliza com Caliban: “Poe, [...] un Ariel hecho hombre” oriundo “de un país de cálculo [que] brota imaginación tan estupenda”.²² “Calibán reina en la isla de Manhattan, en San Francisco, en Boston, en Washington, en todo el país. Ha conseguido establecer el imperio de la materia [...]”.²³ *Ariel*²⁴ (1900), de José Enrique Rodó, leva adiante a representação de Darío ao sugerir que uma elite do espírito, identificada com o personagem Próspero, deveria abrir caminho para a conciliação entre aquelas tendências identificadas com Caliban e Ariel.²⁵

Darío e Rodó não estavam sozinhos. Como lembra Bernardo Ricúpero, através em grande parte da perseverante atuação do autor de *Ariel*, a mensagem se espalha especialmente entre a juventude do subcontinente e seus escritores, ajudando a consolidar o que ficou conhecido por arielismo.²⁶ Assim, nos anos seguintes pululam contribuições paradigmáticas de membros da geração de 1898 neste lado do Atlântico. Em 1903, por exemplo, o poeta colombiano José María Vargas Vila (1860-1933) escreve *Ante los bárbaros*,²⁷ que relembra desde a “invasão norte-americana” do México ao “aprisionamento ianque” de Cuba e Haiti. Já o escritor argentino Manuel Ugarte (1875-1951), em *El porvenir de la América española*²⁸ (1910), avalia que os males das nações latino-americanas derivavam da fragmentação e vassalagem colonial “imposta pelas potências imperialistas”. De modo que a combinação entre a geração de 98 e o arielismo se dá nos termos de uma vanguarda artística cujas circunstâncias são pontuadas por Alfredo Bosi. Isto é, que “acha no seu próprio habitat os materiais, os temas, algumas formas e, principalmente, o ethos que enforma o trabalho de invenção”.²⁹

Sobre um discípulo de José Enrique Rodó

Francisco García Calderón não pertenceu formalmente à geração de 98. No entanto, além de compor, segundo Angel Rama, “el grueso de la actividad escrituraria de la época”,³⁰ manteve, sobretudo a partir da primeira década do século passado, estreitas relações biográficas e intelectuais com ela. Uma vez que não se pretende discutir o escrutínio destas interações biográficas por todos os ângulos, cabe exemplificá-las a partir dos vínculos entre García Calderón e José Enrique Rodó. Ao publicar *Ariel*, o escritor uruguaio sugere que o intelectual dominicano Pedro Henríquez Ureña (1884-1946), outro membro da geração, procure García Calderón para o estabelecimento de trocas intelectuais. O contato, bem-sucedido, inaugurou uma amizade duradoura e produtiva. A começar pelo fato de que García Calderón acabou se tornando um dos principais discípulos de José Enrique Rodó. “Un discípulo de algunas directivas del maestro, un discípulo que desarrolla y perfecciona aspectos que en el maestro sólo quedaron apuntados”, na avaliação de Emir Rodrigues Monegal.³¹ García Calderón inaugura as relações com Rodó numa carta de 1903, na qual solicita ao autor de *Ariel* um prólogo a *De Litteris*³² (1904), seu primeiro livro. Rodó, além de aceitar prontamente o convite no mesmo ano,³³ passa a colocar o então escritor estreante em contato com outros membros da geração de 1898. Entre os quais, Miguel de Unamuno, para quem Rodó recomenda *De litteris*, como deixa claro numa carta enviada em 1904 a García Calderón: “lo manifeste ha poco a Miguel de Unamuno, em carta donde le hablaba de usted. Unamuno, en su

respuesta, me dice que espera su libro”.³⁴

Tais relações têm impacto considerável em sua reflexão intelectual publicada entre 1904 e 1913, fase em que se dedica de forma assídua ao arielismo.³⁵ Do seu nascimento, em 1883, até os anos 1910, a vida de García Calderón é marcada pelas ambivalências do exílio: nasce em Valparaíso dois anos após o governo de seu pai, Francisco García Calderón Landa (1834-1905), então presidente do Peru (1881), ser deportado para lá em razão da Guerra do Pacífico, conflito armado entre Chile, Peru e Bolívia (1879-1883). Em 1906, um ano após a morte de seu pai, muda-se com a família para a França, país que será sua residência permanente e local onde ocupa diversos cargos diplomáticos até 1947, quando retorna ao Peru enfermo (viria a falecer em 1953). García Calderón, a rigor, corresponde ao que Lucia Lippi denomina de “intelectuais e diplomatas que estabeleceram conexões relevantes entre suas elites” ao investir na criação de “relações [...] entre diversos países do continente”;³⁶ ainda que, como lembra Luiz Alberto Sánchez, tais conexões fossem comumente costuradas em cargos diplomáticos exercidos na Europa.³⁷ É nesse contexto que prepara dois livros sobre a América para “impulsionar na Europa a construção de uma intensa rede arielista e francófila, caracterizada por seu pan-latinismo [...] e seu elitismo”, como destaca Valdir Donizete dos Santos Jr.³⁸ Refiro-me propriamente à *Les démocraties latines de l’Amérique* (1912) e *La creación de un continente* (1913), que serão analisados conjuntamente nas próximas páginas.³⁹

No Brasil, García Calderón já recebeu atenção de alguns especialistas.⁴⁰ Não obstante, é preciso interrogá-lo a partir de suas

relações com a geração de 98 e com o arielismo, comparando-o, ainda, à trajetória biográfica e intelectual de Buarque de Holanda à luz destas mesmas questões. Uma forma de dar início à empresa consiste em percorrer a modalidade de escrita ficcional do diplomata peruano, que, no caso, pode ser identificada no uso dos personagens shakespearianos, Ariel, Próspero e Caliban, na construção de uma ideia de América Latina e anglo-saxã. As páginas iniciais de *Las democracias latinas de America* deixam claro que a alusão aos protagonistas de *A tempestade* é feita recorrendo-se ao mesmo tempo a Dom Quixote e Sancho Pança, referências aos escritores espanhóis da geração de 98 na caracterização da “comunidade espiritual entre Espanha e América”, como vimos. Porém, García Calderón os utiliza de modo um pouco diverso ao mobilizá-los para a produção de diferenças entre uma América Latina “idealista” e uma América anglo-saxã “realista”: “Don Quijote y Sancho Panza representan la [...] eterna dualidad del idealismo y del realismo”.⁴¹ Nesse contexto, inaugura as referências aos personagens de Shakespeare, aludindo à história da conquista da América, na qual o colonizador anglo-saxão reage “de forma realista”, ao passo que o conquistador ibérico mantém-se “mais contemplativo”: “en la conquista del medio hostil, el sajón adquiere un sentido realista; y el ibero, bajo las caricias del sol, se vuelve en España y en América cazador de quimeras. [...] Las dos historias se concreta en un símbolo: Ariel y Calibán”.⁴²

Os personagens são pensados a partir da produção intelectual da geração de 98. Rubén Dário, por exemplo, auxilia García Calderón a demonstrar que as condições de produção desta escrita ficcional são, em parte, de autoria de escritores latino-americanos. Se particularmente *Prosas*

profanas (1896) e *Cantos de vida y esperanza* (1901)⁴³ dão mostras de que “el modernismo se adecuaba sin duda al temperamento latinoamericano”; as obras do poeta nicaraguense, de forma geral, são tratadas como uma forma cultural específica capaz de “americanizar o mundo”.⁴⁴ *Ariel*, por sua vez, é importante referência para a formulação do arielismo de García Calderón. Na perspectiva de *La creación de un continente*, a obra de 1900 cumpre a função de um “sermón laico a las nuevas generaciones [latino-americanas]”,⁴⁵ corroborando a contundente hipótese de Antonio Mitre de que a obra “aflora das próprias circunstâncias que vivem os países da região do Prata no último quarto do século XIX”.⁴⁶ Assim, ao reconhecer a importância de seu preceptor para um movimento propriamente arielista,⁴⁷ García Calderón endossa, ainda que parcialmente, o uso do personagem Ariel realizado pela obra homônima para esboçar aquilo que Carlos Jauregui intitula de “indentidad continental”, qual seja, uma “composicion utopica del imaginario histórico en un presente conflictivo e inasible, y para impugnar el materialismo vulgar de los nuevos tempos”.⁴⁸ “[Rodó] Invoca a Ariel, genio del aire, para que presida a sus coloquios. Su ideal para América es [...] su ensueño o su utopía en la prosaica edad moderna”.⁴⁹

Parcialmente, pois García Calderón é um tanto crítico à oposição entre “latinos” e “saxões”, tal como, segundo ele, é esboçada por Rodó. Não desconsidera as diferenças entre as duas Américas, mas busca uma conciliação cultural entre elas, mostrando-se simpático ao materialismo anglo-saxão: “Rodó aconseja el ocio clásico [...], el reposo consagrado a la alta cultura cuando la tierra solicita todos los esfuerzos y de la conquista de la riqueza nace un brillante materialismo”.⁵⁰ Esta conciliação singulariza

em grande parte García Calderón em relação à José Enrique Rodó. Ademais, é possível notá-la em sua escrita propriamente histórica, entendendo por esta uma ordem ‘arielista’ do tempo. Esta ordem se vale, sobretudo, de uma categoria *pretérita* de Renascimento que legitima e dá sentido a outra, *presente e futura*, de americanismo. A concepção de renascença de García Calderón faz parte de um debate travado sobretudo pela parte espanhola da geração de 98 acerca da decadência da Espanha e de uma paralela reflexão sobre a sua história. Seus resultados se dividem, a rigor, em duas posições: ou se almeja uma espécie de retorno à “Espanha original e permanente”, ou se lança à tentativa de atualização e adaptação das suas tradições.

Nosso autor acena ao segundo caso. Entende o Renascimento como uma forma cultural caracterizada pelo *misticismo*, elemento constitutivo da sociedade espanhola dos séculos XVI e XVII e que culmina, sobretudo, no Século de Ouro Espanhol.⁵¹ Por essa razão, suas reflexões se filiam à ideia de *hispanidad* nos moldes tratados na segunda parte do artigo. Entretanto, embora se valha de seus interlocutores do outro lado do Atlântico, atribui um sentido um pouco diverso ao misticismo espanhol, que agora se converte em elemento estratégico para a escrita da história de uma modernidade intelectual americana. O misticismo, portanto, se transforma na própria imaginação reivindicada por Ariel e, em alguma medida, Próspero, na medida em que fornece uma noção de passado bastante avessa ao materialismo ianque à porção latina do continente.

A renascença, justamente por oferecer uma ideia de modernidade, articula-se com uma categoria de americanismo definida por *La creación de*

un continente como “una realidad geográfica y social”.⁵² A grande questão reside nos limites desta realidade, que ora contrapõe, ora concilia a tríade “Ariel”, “Próspero” e “Caliban”. De todo modo, uma categoria de americanismo propriamente latino deve ser identificada na proposta de organização política ambicionada por García Calderón para o presente e futuro do subcontinente. Trata-se da noção de *democracias latinas*, estudada por Valdir Donizete dos Santos Jr., e para quem, em suma, ela corresponde a regimes democráticos constituídos por um poder executivo forte e pouquíssima participação popular.⁵³ Uma combinação entre “democracia” e “personalismo” que ofereceria um contraste à democracia liberal norte-americana (esta, entendida como expressão do materialismo, seria apoiada na eleição do poder executivo, no livre mercado e na participação popular). Este executivo forte seria composto, dentre outras coisas, por uma “elite aristocrática” de intelectuais, que, representada por Próspero, herdaria, enfim, os vínculos do personagem Ariel com a imaginação presente no aspecto místico do Renascimento.

Esta ordem do tempo resulta numa intensa preocupação com as relações internacionais da América Latina, isto é, com a política externa da porção latina do continente.⁵⁴ O diplomata, afinal, deseja uma presente e futura unificação política e cultural da América Latina. Como ele afirma: “historiamos [...] esos esfuerzos de unificación política”.⁵⁵ Particularmente dois deles: “paniberismo y pan-americanismo – y establecemos los caracteres que dan a la América Latina frente a España y la República yanqui, evidente originalidad”.⁵⁶ Por paniberismo, entenda-se a tradução política da hispanidad. Ao reivindicá-la, García Calderón dá corpo às suas propostas de atualização das tradições ibéricas na América. Valendo-se do

personagem Dom Quixote, o diplomata imagina “nuevas Españas [...] heroicas, señoriales [...], [que] perpetúan más allá del océano”. A espiritualidade arielista espanhola daria unidade às recentes democracias latinas do Novo Mundo: “para las democracias [...] en un vasto continente [...] el pasado lleno de riquezas espirituales une a ambos mundos españoles”.⁵⁷

O pan-americanismo corresponde aos esforços de unificação política de García Calderón entre a América Latina e os Estados Unidos,⁵⁸ não podendo, por isso, ser entendido como uma dicotomia estanque entre as duas Américas. Tereza Spyer Dulci mostra que, entre 1889 e 1928, as Conferências Pan-Americanas, surgidas no bojo das propostas de política externa relativas ao pan-americanismo, forjaram basicamente duas tendências identitárias para o continente: a pan-americana, que corrobora a extensão dos interesses dos EUA para a América; e a latino-americana, reticente ou mesmo contrária a esses interesses.⁵⁹ É como se García Calderón buscasse conciliar as duas tendências ao mostrar-se, por um lado, favorável à acordos comerciais com os EUA; por outro, e principalmente, insatisfeito com os acordos de união aduaneira no continente que resultassem em “monopólios e privilégios” para a América do Norte.⁶⁰ Ele estava diante de um jogo complexo de negociação com Ariel, Próspero e Caliban, que, para ele, o aproximava e o afastava de José Enrique Rodó e, em alguma medida, do próprio arielismo dos membros da geração de 98.

Sobre um leitor atento de Rodó e García Calderón

Sérgio Buarque de Holanda não foi propriamente um ‘arielista’, não atuou como membro da geração de 98 e, até onde foi possível perceber, tampouco manteve relações pessoais com ela. De todo modo, o arielismo foi preocupação constante do historiador brasileiro em pelo menos cinco artigos, produzidos entre 22 de abril e primeiro de julho de 1920: “Originalidade literária” (1920), “Ariel” (1920), “Vargas Vila” (1920), “Santos Chocano” (1920) e “A quimera do monroísmo” (1920).⁶¹ Além disso, a questão ressoa, direta ou indiretamente, em suas reflexões sobre a comparação das Américas. Entre as quais em *Visão do paraíso: os motivos edênicos do descobrimento e da colonização do Brasil* (1959), livro no qual, sem sombra de dúvida, Sérgio Buarque mais se dedica ao assunto.⁶² Para os objetivos deste artigo levarei em conta estas seis referências, que também vão ser analisadas conjuntamente, mas sem se esquecer das diferentes circunstâncias nas quais foram produzidas.

Se, como lembra Antonio Arnoni Prado, estes artigos ilustram a preocupação de Sérgio Buarque com a “integração cultural com a América Latina a partir da redefinição do papel do escritor e do intelectual”;⁶³ o arielismo pode ser pensado como um método que auxilia esta integração. Nesse sentido, Pedro Meira Monteiro, em pelo menos duas oportunidades, ao lembrar a sedução da problemática arielista para o então jovem Sérgio Buarque de Holanda, salienta que, apesar dela se filiar aos debates identitários realizados à época no Brasil, está conectada a uma “discussão de fundo, sobre o lugar da América Latina como peça de resistência ao mundo desencantado, ou como o lugar em que se guardaria, como segredo insuspeitado, tudo aquilo que o mundo moderno (leia-se notadamente os Estados Unidos) ia perdendo”.⁶⁴ De fato, o arielismo

buarquiano, enquanto ficção, também se vale de Ariel, Próspero e Caliban, para arquitetar uma noção de América Latina e anglo-saxã. Por isso, preserva relativa distância do internalismo metodológico subjacente à ideia de *brasiliانا*, devendo ser interrogado em sua “vigência histórico-universal” de concepção ocidental de americanismo e modernidade. Justamente para que esse intento global do moderno possa ser apreendido em sua diferença.

Cabe lembrar que Sérgio Buarque foi um leitor atento de García Calderón, o considerando, como aponta Arnoni Prado, a semente “de um americanismo que ele então situava na linha de frente da integração latino-americana”.⁶⁵ O livro *Las democracias latinas de América*, do diplomata peruano, é citado em “Originalidade literária” como uma das principais referências para o então estreante articulista formular sua concepção de arielismo. Para tanto, reconhece precisamente os esforços de García Calderón de historicizar os processos de unificação política da América Latina que poderiam levar à emancipação intelectual desta porção do continente.⁶⁶ Em “Ariel”, Sérgio Buarque assume a fala de um arielista propriamente dito. Deixa claro sua adesão a uma concepção intelectual da modernidade ao perceber no livro mais importante de José Enrique Rodó uma mensagem “à mocidade sul-americana prognosticando a vitória, entre nós, de Ariel sobre Caliban”.⁶⁷

É possível, assim, identificar em *Ariel e Democracias latinas de América* duas referências para Sérgio Buarque interpretar inclusive a atuação de outros membros da geração da geração de 98. O escritor colombiano Vargas Vila (1860-1963), por exemplo, personifica, no artigo homônimo, o exemplo de *imaginação* que “a despeito de algumas de suas qualidades

serem mais comuns entre escritores europeus do que os do Novo Mundo [...] é sob qualquer ponto de vista [a de] um americano-latino e, mais do que isso, um filho dos trópicos”.⁶⁸ Em “Santos Chocano”, Sérgio Buarque atribui ao poeta peruano que dá nome ao artigo, e que viveu entre 1875 e 1934, a qualidade de ser “um dos mais notáveis temperamentos artísticos deste continente”.⁶⁹ De modo que, se atualmente venho desenvolvendo uma pesquisa sobre o papel destes dois escritores no pensamento ‘arielista’ de Sérgio Buarque, já é possível dizer que eles são grandes responsáveis pela vigência universal do americanismo do crítico brasileiro. Ainda que, como se pode notar em seu juízo sobre Vargas Vila, esta universalidade não descarta evidentemente a presença de referenciais europeus.⁷⁰

Sérgio Buarque, surpreendentemente, se vale de uma concepção de Renascimento parecida com a de García Calderón para converter o arielismo numa escrita da história, também aqui, entendida como uma ordem do tempo. Ela não é tratada nos artigos de 1920, mas em *Visão do paraíso*, livro publicado em 1959, que, diferentemente das outras publicações analisadas, resulta de uma circunstância de produção alheia a das vanguardas: uma tese de cátedra apresentada ao concurso para professor catedrático da cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.⁷¹ O arielismo não é tema da obra, e a questão da história comparada das Américas, no caso, obedece em parte aos amarelos de uma escrita acadêmica elaborada em razão do concurso.⁷² De todo modo, Dom Quixote e Sancho Pança “ressurgem” em “Visão do paraíso”, oitavo capítulo da obra: o primeiro para qualificar a Espanha e suas Índias,

tributárias de uma concepção mística e, portanto, intelectual, de Renascimento europeu, no qual o Século de Ouro Espanhol é igualmente referência da maior importância.⁷³ O outro, para representar um pragmatismo de matriz medieval que a obra não cansa de associar à expansão portuguesa na América.⁷⁴

É preciso salientar, a partir dos artigos de 1920, que o Dom Quixote de *Visão do paraíso* preserva alguns vasos comunicantes com o arielismo de juventude do autor. “Originalidade literária” não inclui uma reflexão sobre o Renascimento; ainda assim, traz alguns ecos da referida concepção de renascença na alusão à literatura espanhola de época, a exemplo de *Araucana*, de Alonso Ercila Zuñiga (1533-1596). “Nesses poemas há claros vestígios de americanismo”, afirma Sérgio Buarque, recorrendo a um juízo parecido sobre o poeta espanhol realizado em *La creacion de un continente*, de Francisco García Calderón.⁷⁵ Os “vestígios” arielistas instigam os artigos seguintes, e particularmente “Ariel”, a fazer uma crítica ao calibanesco regime republicano dos EUA, denominado de “utilitarismo *yankee*”. Com isso, Sérgio Buarque deixa entrever os aspectos presentes e futuros em sua escrita da história: opta-se por aquilo que Villafañe Gomes Santos considera um axioma do pensamento diplomático brasileiro no Império, mas que não desvanece integralmente a partir de 1889:⁷⁶ a “superioridade da monarquia sobre a república, na formação e no desenvolvimento intelectual da nacionalidade” e um correlato aceno político ao passado dinástico europeu.⁷⁷

A julgar pelos outros artigos de 1920, especialmente “A quimera do monroísmo”, esta ordem do tempo é pensada partir de suas relações internacionais com a história colonial e nacional dos Estados Unidos,

havendo também neste caso uma preocupação com a política externa da América Latina. O Renascimento espanhol e de suas colônias marcam diferenças com a colonização anglo-saxã na América, cujo “pragmatismo” é tratado como um severo “instinct of sovereign” (instinto de soberania) a ser lançado por toda a América. Durante a história independente dos Estados Unidos e sua conformação em uma “República anglo-saxônica”, o instinto se configura no imperialismo norte americano, e particularmente naquilo que, para o autor, é um de seus efeitos principais: a Doutrina Monroe, considerada no artigo uma ameaça “inescrupulosa” ao arielismo. Por meio dela, “os chefes de Estado, os ministros, os legisladores, os políticos de toda casta [...], enfim, todos os que na República anglo-saxônica gozam algum prestígio ou exercem certa influência proclamam, convictos, nossa condição de submissos aos Estados Unidos”.⁷⁸

Conclusão

Ao propor e percorrer algumas relações entre ficção, história e relações internacionais nas escritas sobre a comparação das Américas Sérgio Buarque de Holanda e Francisco García Calderón, este artigo se deparou com duas ordens de questões. A primeira diz respeito à importância da geração de 98, e particularmente de sua fração ambientada na América Latina, no pensamento nativo destes dois personagens. Lembre-se que “pensamento nativo” não se confunde com “nativismo”: Leyla Perrone Moisés argumenta que todo projeto de “união latino-americana” não se constitui sem o universal antropológico das

contaminações, trocas e assimilações culturais.⁷⁹ De modo que os princípios metodológicos de comparação ‘arielista’ das Américas, evidentemente, não podem ser pensados sem as referências intelectuais situadas no Atlântico Norte. Não obstante, é possível supor que suas bases metodológicas e, com efeito, de escrita, se constituem consideravelmente a partir de lugares sociais periféricos ao sistema-mundo capitalista e à sua subsequente organização eurocêntrica do trabalho intelectual.⁸⁰

A outra questão é que estes lugares sociais e metodológicos ocasionaram dois regimes de historicidade para caracterizar uma modernidade latino-americana propriamente dita. Em relação à escrita de Francisco García Calderón, ele parte da alusão à ficção, caracterizada pelos personagens de *A tempestade*, de Shakespeare, Ariel, Próspero e Caliban, a partir dos quais se estrutura sua escrita da história. Esta se vale de uma categoria pretérita de Renascimento místico, que pode ser ilustrada pelo Século de Ouro Espanhol, e que ampara uma categoria, presente e futura, de americanismo, representada pela noção de democracias latinas, isto é: democracias constituídas por um executivo forte, parte deste executivo sendo preenchido por uma elite de intelectuais. A relação entre o aspecto místico do Renascimento e a elite de intelectuais destas democracias serve de demonstração de um modelo intelectual de modernidade, aplicável à América Latina, e associado, sobretudo, a Ariel (e, em alguma medida, a Próspero). A escrita de Sérgio Buarque tem como ponto de partida, *grasso modo*, o mesmo uso ficcional daqueles três personagens e da categoria de Renascimento. A diferença, neste caso, é a correspondência que a renascença mantém com a categoria,

presente e futura, de americanismo, dessa vez representada pela monarquia, que preserva vínculos estreitos com a ideia de “democracias latinas”. Descontadas as peculiaridades, ambas, afinal, apontam para uma espécie de proteção aristocratizante da cultura por conta das transformações mundiais que, para Sérgio Buarque, teriam ocasionado a Guerra Hispano-Americana de 1898.⁸¹ É nesse sentido que os dois regimes apontam para uma concepção intelectual de modernidade e de americanismo que, ao se apresentarem em grande parte diversos à democracia e republicanismo puritanos, assumem, em seus próprios termos, uma vigência universal.

Notas

*Pós-Doutorando em História Social. Laboratório de Estudos de História das Américas (LEHA) / Departamento de História - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orcid: 0000-0002-6352-0463

¹ Ver TERAN, O. **Em busca de la ideologia argentina**. Buenos Aires: Catálogos Editora, 1986. [1ª Ed.], p. 85.

² Ver SAHALINS, M. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). **Mana**. v. 3, n. 1, 1997, pp. 41-73. Sahlins no caso examina e refuta as críticas pós-modernas ao conceito de cultura para as quais este conceito surge com o colonialismo e o imperialismo. Na direção oposta, o antropólogo norte-americano defende que o conceito se forma em reação às pretensões do universalismo iluminista. O mesmo argumento é percorrido por obras paradigmáticas de Sahlins, a exemplo de SAHLINS, M. **Cultura e razão prática**. Trad. Sergio Tadeu de Niemeyer Lamarão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 [1ª Ed.], que toma a própria sociedade capitalista ocidental como cultura.

³ Ver, por exemplo, STUENKEL, O. **BRICS e o futuro da ordem global**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017 [1ª Ed.].

⁴ A história intelectual não é domínio exclusivo de historiadores, mas, neste caso, se relaciona com os campos da história das ideias e da história da historiografia, além de outros. Seu objeto corresponde às diversas interpretações sobre os agentes, as práticas, os processos e os produtos classificáveis como intelectuais. Ver, por exemplo, DOSSE, F. **La marche des idées**. Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle. Paris: La Découverte, 2003 [1ª Ed.]. Sobre a pluralidade das escritas da história em relação ao eurocentrismo, ver: Cristovão dos Santos, Pedro Afonso et al. **Historiografias periféricas em perspectivas transnacional ou global: o eurocentrismo em questão**. **Estudos Históricos**, vol. 30, n. 60, 2017. Entende-se o Sul Global como um conceito amplo, que

abrange as sociedades em desenvolvimento, fora do eixo do Atlântico Norte. Ver CONNELL, R. **Southern theory**: the global dynamics of knowledge in social Science. Cambridge: Polity Press, 2007.

⁵ Ver “Sociedade ‘sem história’ e historicidade”, segundo capítulo de LEFORT, C. **As formas da história**: ensaios de antropologia política. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes e Marilena Chauí. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1979. pp. 37-56.

⁶ CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Trad: Maria de Lourdes Menezes, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [2ª Ed.].

⁷ Ver, por exemplo, “As escritas freudianas”, quarta parte de *A escrita da história*.

⁸ Quem lembra este ponto de *A escrita da história* é CHARTIER, R. **A força das representações**: história e ficção. Chapecó: Argos, 2011 [1ª Ed.], p. 118.

⁹ Em HARTOG, F. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiência do tempo. Trad. Andréa de Menezes, Bruna Breffart, Camila R. Moraes, Maria Cristina de A. Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013 [1ª Ed.], a noção de regimes de historicidade é pensada a partir (1) do lugar de outro que, em *A escrita da história*, de Michel de Certeau, o morto assume na escrita historiadora; (2) da noção de historicidade de Lefort presente em *As formas da história*, e que corresponde à ‘formas distintas de devir’; (3) e das noções de história e de historicidade percorridas por Sahlins a partir de Fiji, até mencionadas no artigo do antropólogo norte americano citado neste artigo, mas, sobretudo em SAHLINS, M. **Ilhas de história**. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003. O papel da antropologia nas reflexões de Hartog renderam publicações à parte de sua autoria, e foram discutidas, inclusive, em seu prefácio para IEGELSKI, F. **Astronomia das constelações humanas**: reflexões sobre Claude Lévi-Strauss e a história. São Paulo: Humanitas, 2016 [1ª Ed.]; bem como por Francine Iegelski.

¹⁰ Ver CAPELATO M. H. R. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. **História**. v. 22, n. 2, 2003. pp. 35-58.

¹¹ *ibid.*, p. 38.

¹² VIANNA, L. W. **A revolução passiva**: iberismo e americanismo no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 2004. [2ª ed.] p. 117.

¹³ Ver PINEDO, J. Ser otro sin dejar de ser uno mismo: España, identidad y modernidade em la generación del 98. In: ZEA, L. & SANTANA, A. (Orgs.). **El 98 y su impacto en Latinoamérica**. México: IPGH e Fondo de cultura Económica, 2001. pp. 165-192. Sobre a ideia de hispanidad, ver BEIRED, J. L. B. Hispanismo e latinismo no debate intelectual ibero-americano. **Varia Historia**. v. 30, n. 54, 2014. pp. 631-654.

¹⁴ FILHO, R. B. **Tradição e artifício**: iberismo e barroco na formação americana. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Ed. UFMG / IUPERJ, 2000 [1ª Ed.] p. 36.

¹⁵ Ver TURATTI, R. A. José Enrique Rodó, a “Geração Hispano-Americana de 98” e o projeto para uma identidade americana. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 13, 2012. pp. 227-250.

¹⁶ Ver TURATTI, R. **Os espelhos da América**: identidade cultural hispano-americana em releituras de *A tempestade*, de William Shakespeare. São Paulo: Paco Editorial, 2016 [1ª Ed.].

¹⁷ Sobre a “perspectiva nativa”, ver a reflexão metodológica deste artigo. Ela também é encontrada em diversos quadrantes do pensamento social latino-americano. A exemplo

de ZEA, L. **Dos etapas del pensamiento en hispanoamerica:** del Romanticismo al Positivismo. México: Colegio de Mexico, 1949 [1ª Ed.], que logo no início faz uma crítica à ideia de marginalidade dos povos não europeus, esboçada por Hegel; O’GORMAN, E. **A invenção da América:** reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido de seu dever. Trad. Ana Maria Corrêa e Manoel Bellotto. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992 [1ª Ed.], ao buscar entender não a “descoberta”, mas a “invenção” da América; MORSE, R. **O espelho de Próspero:** cultura e ideias nas Américas. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, que procura abordar a América pelo viés “autóctone”, e não “obsoleto”; WEFFORT, F. **Qual democracia?** São Paulo: Companhia das Letras, 1992 [1ª Ed.], no qual a democracia é discutida nos termos de uma transição que o Brasil e os países da América Latina vivem em relação à passagem do autoritarismo para a democracia.

¹⁸ Ver SORALUZ, L. R. El espectro de Calibán recorre la hispanoamérica del fin de siglo. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana.** n. 59, 2004. pp. 109-130.

¹⁹ *ibid.*, p. 109.

²⁰ DARÍO, R. Edgar Allan Poe: fragmento de un estudio. In: **Los raros.** Barcelona / Buenos Aires: Casa Editorial Maucci / Maucci Hermanos, 1905 [2ª ed.].

²¹ DARÍO, R. El triunfo de Calibán. **El tiempo.** Buenos Aires, 1898 [1ª Ed.].

²² *idem.*, p. 19.

²³ *Idid.*, p. 16.

²⁴ RODÓ, J. E. **Ariel.** Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1900 [1ª Ed.].

²⁵ Ver RICÚPERO, B. Ariel na América: viagens de uma ideia. **Interseções - Revista de estudos interdisciplinares.** v. 18, 2016. pp. 372-407.

²⁶ *ibid.*, p. 390.

²⁷ VILA, V. **Ante los bárbaros.** Barcelona: Ramon Palácio Viso, 1930. [2ª. Ed.].

²⁸ UGARTE, M. **El porvenir de la América española:** la raza, la integridad territorial y moral, la organización interior. Valencia: F. Sempere y Compañía, 1911. [1ª Ed.].

²⁹ BOSI, A. **Entre a literatura e a história.** São Paulo: Editora 34, 2013. [1ª Ed.] p. 214.

³⁰ RAMA, A. **La ciudad letrada.** Montevideo: Arca, 1998, p. 86.

³¹ MONEGAL, E. R. Las relaciones de Rodó y Francisco García Calderón. **Número.** n. 23-24, 1953, p. 255. Ver também, MONEGAL, E. R. América/utopia: García Calderón, el discípulo favorito de Rodó. **Cuadernos Hispanoamericanos.** n. 417, 1985. pp. 166-172.

³² MONEGAL, E. R. Las relaciones de Rodó y Francisco García Calderón. **Número.** n. 23.24, 1953, p. 255.

³³ *Idem.* No prólogo Rodó já deixa claro que “Yo veo en él una de las mejores esperanzas de la crítica americana”. Ou ainda, “rico museo de la inteligencia y la sensibilidad, donde, a favor de la amplitud ilimitada de que no disponer los géneros sujetos a una arquitectura retórica, se confunden el arte del historiador, la observación del psicólogo, la doctrina del sabio, la imaginación del novelista, el subjetivismo del poeta”. RODÓ, J. E. De litteris de Francisco García Calderón. In: RODÓ, J. E. **Obras completas.** Madri: Aguilar, 1967, [2ª Ed.] p. 642.

³⁴ RODÓ, J. E. A Francisco García Calderón. 02/08/1904. In: RODÓ, J. E. *ibid.*, p. 1438.

³⁵ Sobre uma proposta de periodização da reflexão intelectual de García Calderón, ver BASADRE, J. Realce e infortúnio de Francisco García Calderón. In: GARCÍA CALDERÓN, F. **En torno al Perú y América**. Lima: Villanueva, 1954 [1ª Ed.].

³⁶ LIPPI, L. Diálogos intermitentes: relações entre Brasil e América Latina. **Sociologias**. n. 14, 2005, p. 114 e 115.

³⁷ García Calderón, por exemplo, é ministro do Peru na Bélgica em 1918. No mesmo ano é nomeado ministro na França, participando como delegado do Peru nas discussões de Versalhes. Desfrutava de sólido prestígio como intelectual; tinha muitas e valiosas amizades europeias, etc. Tais funções foram amplamente utilizadas por nosso autor para a divulgação da América Latina no mundo e a criação das perspectivas para a integração entre os países do continente. Ver SÁNCHEZ, L. A. Prologo. In: GARCÍA CALDERÓN, F. **Las democracias latinas de América & La creacion de un continente**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987, p. XV.

³⁸ SANTOS JUNIOR, V. D. dos. **A trama das ideias**: intelectuais, ensaios e construção de identidades na América Latina (1898-1914). São Paulo: Intermeios, 2016 [1ª Ed.], p. 58. No caso, Donizete se refere somente a *Democracias latinas*. A observação, contudo, parece se aplicar igualmente ao livro *La creación de un continente*.

³⁹ GARCÍA CALDERÓN, F. **Les démocraties latines de l'Amérique**. Paris: Flammarion, 1912. [1ª Ed.]; e _____. **La Creación de un continente**. Paris: P. Ollendorff, 1913. [1ª Ed.]. Utilizo a seguinte edição: GARCIA CALDERÓN, Francisco. **Las democracias latinas de América & La creacion de un continente** Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.

⁴⁰ Ver, sobretudo, SANTOS JUNIOR, V. D. dos. op. cit. e, igualmente importante, GOUVEIA, R. C. **América Latina enferma**: racismo e positivismo no pensamento político latino-americano em fins do século XIX e início do XX. Doutorado, Fiocruz, Rio de Janeiro, Brasil, 2016.

⁴¹ GARCÍA CALDERÓN, F. **Las democracias latinas de América & La creacion de un continente** Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987, p. 9.

⁴² Idem.

⁴³ DÁRIO, R. **Prosas profanas**. París: Vda. de C. Bouret, 1901 [1ª Ed.]; e _____. **Cantos de vida y esperanza**. Madrid: Tipografía de la Revista Archivos, Bibliotecas y Museos, 1905.

⁴⁴ GARCÍA CALDERÓN, F. op. cit., p. 242.

⁴⁵ *ibid.*, p. 255.

⁴⁶ MITRE, A. **O dilema do centauro**: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003 [1ª Ed.], p. 104. A tese SOUZA, C. A. de. **Ideologia e política em José Enrique Rodó**: liberalismo e jacobinismo no Uruguai (1885-1917). Doutorado, FHDSS-UNESP, Franca, Brasil, 2006, p. 20 também reconhece as circunstâncias subcontinentais na produção de *Ariel*, apontando que “José Enrique Rodó é, a nosso ver, o pensador de uma conjuntura especial: o Uruguai do chamado primeiro batllismo, entre 1903 e 1933”.

⁴⁷ GARCÍA CALDERÓN, F. op. cit., p. 256.

⁴⁸ JÁUREGUI, C. Calibán, icono del 98: a proposito de un articulo de Rubén Darío. **Revista ibero-americana**. v. LXIV, n. 184-185, 1998, p. 441.

⁴⁹ GARCÍA CALDERÓN, F. op. cit., p. 256.

⁵⁰ *ibid.*, p. 257.

⁵¹ *ibid.*, p. 12.

⁵² *Ibid.*, p. 247.

⁵³ SANTOS JUNIOR, V. D. dos. op. cit., p. 107 e 108.

⁵⁴ A preocupação com as relações internacionais foi constante entre intelectuais com inclinações arielistas. Ver, por exemplo, PAMPLONA, Marco Antonio. Uma perspectiva ‘arielista’ entre los hombres públicos brasileiros de fin de siglo: Estados Unidos en los escritos de Joaquim Nabuco e Oliveira Lima. In: **Estados Unidos desde América Latina: sociedad, política y cultura**. Ciudad de México: CIDE/Colégio de México, 1995 [1ª Ed.]. pp.71-90; DEVÉZ VALDÉS, Eduardo. Del *Ariel* de Rodó a la Cepal. Buenos Aires: Biblos, 2000; e SANTOS, L. C. V. G. **A América do Sul no discurso diplomático brasileiro**. Brasília: FUNAG, 2014 [1ª Ed.].

⁵⁵ GARCÍA CALDERÓN, Francisco. op. cit., p. 225.

⁵⁶ *Idem.*

⁵⁷ *ibid.*, p. 240.

⁵⁸ Trata-se do pan-americanismo posto em vigor a partir da Doutrina Monroe e que acabou resultando nas nove Conferências Pan-Americanas, entre 1889 e 1948.

⁵⁹ Ver DULCI, T. S. **As Conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889 a 1928)**. São Paulo: Alameda, 2013. [1ª Ed.]. Ver também ARDAO, Arturo. Panamericanismo y latinoamericanismo. In: ZEA, Leopoldo. *América Latina en sus ideas*. Mexico: Siglo XXI, 1986 [1ª Ed.].

⁶⁰ GARCÍA CALDERÓN, F. op. cit., p. 167.

⁶¹ HOLANDA, S. B. de. Originalidade literária. In: PRADO, A. A. (Org.). **O espírito e a letra: estudos de crítica literária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 35-41. (Originalmente publicado em *Correio Paulistano*, São Paulo, 22/04/1920); _____. Ariel. In: *ibid.*, pp. 42-46. (Originalmente publicado em *Revista do Brasil*, São Paulo, 01/05/1920); _____. Vargas Vila. In: *ibid.*, pp. 47-53. (Originalmente publicado em *Correio Paulistano*, São Paulo, 04/06/1920); _____. Santos Chocano. In *ibid.*, pp. 54-56. (Originalmente publicado em *A Cigarra*, São Paulo, 01/06/1920); _____. A quimera do monroísmo. In: COSTA, M. (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos**. São Paulo: Ed. Unesp / Fundação Perseu Abramo, 2011. pp. 08-11. (Originalmente publicado em *A Cigarra*, São Paulo, 01/07/1920).

⁶² HOLANDA, S. B. de. **Visão do paraíso: os motivos edênicos do descobrimento e da colonização do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959 [1ª Ed.].

⁶³ PRADO, A. A. Nota sobre a edição. In: PRADO, A. A. (Org.). **O espírito e a letra: estudos de crítica literária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 15. Arnoni Prado não se refere ao artigo “A quimera do monroísmo”, porém, acredito que ele esteja em sintonia com as suas observações.

⁶⁴ MONTEIRO, P. M. **Signo e desterro: Sérgio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2015 [1ª Ed.], pp. 129 e 130. Ver também _____. As raízes do Brasil no espelho do Próspero. **Novos Estudos – Cebrap**. n. 83, 2009. pp. 159-182.

⁶⁵ PRADO, A. A. Introdução. In: op. cit., p. 22 e 23. Ver também MONTEIRO, P. M. As raízes do Brasil no espelho do Próspero. **Novos Estudos – Cebrap**. n. 83, 2009, p. 166; e GAIOTTO, R. **Críticas cruzadas: Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda**. Doutorado. IEL-UNICAMP, Campinas, Brasil, 2014, p. 6.

⁶⁶ HOLANDA, S. B. de. Originalidade literária. In: PRADO, A. A. (Org.). **O espírito e a letra**: estudos de crítica literária. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 36.

⁶⁷ HOLANDA, S. B. de. Ariel. In: *ibid.*, p. 46.

⁶⁸ HOLANDA, S. B. de. Vargas Vila. In: *ibid.*, p. 50 e 53.

⁶⁹ HOLANDA, S. B. de. Vargas Vila. In: *ibid.*, p. 55.

⁷⁰ Por ora me encontro pesquisando as relações e apreciações de García Calderón e Buarque de Holanda com a controvertida figura de Santos Chocano, que, entre outras coisas, exerceu o cargo de secretário de Pancho Vila, e, ao mesmo tempo, se alinhou a ditadores latino-americanos, como o guatemalteco Manuel José Estrada Cabrera.

⁷¹ Sobre uma necessária abordagem do contexto de produção de *Visão do paraíso* nos anos 1950, ver: NICODEMO, T. L. **Urdidura do vivido: Visão do paraíso** e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950. São Paulo: Edusp, 2008 [1ª Ed.]; para avaliações sobre a historicidade em *Visão do paraíso*, ver: _____. Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. **História da Historiografia**. n. 14, 2014, pp. 44-61.

⁷² Ver MARTINS, R. **Tradição, modernidade e história das Américas em Visão do paraíso (1946-1969)**. Doutorado, DH-FFLCH-USP, São Paulo, Brasil, 2017.

⁷³ HOLANDA, S. B. de. **Visão do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. [7ª Ed.], p. 307.

⁷⁴ Ademais, haveria muito a dizer sobre os possíveis vínculos destes personagens de *Visão do paraíso* com as mutações da recepção de *A tempestade* ao longo do século XX. Um grande exemplo pode ser encontrado na peça *Une Tempête*, do poeta e ensaísta martinicano Aimé Césaire, publicada pela primeira vez em 1969. Este contexto, porém, é diferente o suficiente do tratado pelo artigo, sendo possível denominá-lo de *canibalista*, pois, como explica Turatti, nesse último caso, o materialismo do personagem Caliban assume uma interpretação renovada, representando então uma “interpretação materialista da realidade, inspirada em boa parte pelas teorias marxistas e pelos escritos e ideias de participantes da Revolução Cubana, como Fidel Castro e Ernesto Guevara. Na proposição do espelho de Ariel, o materialismo é recusado porque ele poderia levar a um utilitarismo e à ações [...] imperialistas. Já na formação de um espelho de Caliban, que defende a revolta direta e a revolução política e social, o materialismo é adotado por estar em consonância com as interpretações marxistas e com as discussões realizadas sobre a legitimidade de uma revolução.” (op. cit., p. 21 e 22).

⁷⁵ García Calderón afirma em *La creacion de un continente* que “*Araucana* de Ercilla, [...] [traz] vestígios de americanismo, descripciones, evocaciones, [...] ante el nuevo mundo que descubren los conquistadores”. Ver GARCÍA CALDERÓN, Francisco. op. cit. p. 294.

⁷⁶ Ver SANTOS, L.C.V.G. **O Império e as Repúblicas do Pacífico**: as relações do Brasil com Chile, Bolívia, Peru, Equador e Colômbia (1822-1889). Curitiba: Editora da UFPR, 2002. [1ª Ed.].

⁷⁷ HOLANDA, S. B. de. Originalidade literária. In: PRADO, A. A. (Org.). **O espírito e a letra**: estudos de crítica literária. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 36. Com isso, não estou sugerindo que este aceno à monarquia esteja presente na concepção de Renascimento de *Visão do paraíso*, e sim que a concepção de Renascimento da obra que resulta da tese de cátedra de Sérgio Buarque já se encontra parcialmente na escrita ‘arielista’ da história do autor, elaborada, em grande parte, em 1920. Sobre o

monarquismo do jovem Sérgio Buarque, ver EUGÊNIO, J. K. Um horizonte de autenticidade. Sérgio Buarque de Holanda: monarquista, modernista, romântico (1920-1935). In: MONTEIRO, P. M. e EUGÊNIO, J. K. (Orgs.). **Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Eduerj, 2008, pp. 425-459; MONTEIRO, P. M. As raízes do Brasil no espelho do Próspero. **Novos Estudos – Cebrap**. n. 83, 2009, p. 166; e MORAES, R. G. de. op. cit., p. 8 e 9.

⁷⁸ HOLANDA, S. B. de. A quimera do monroísmo. In: COSTA, M. (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos**. São Paulo: Ed. Unesp/Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 9.

⁷⁹ Ver PERRONE-MOISÉS, L. **Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. [1ª Ed.].

⁸⁰ Sobre as relações entre sistema-mundo e organização do trabalho intelectual, ver WALLERSTEIN, I. **Para abrir as ciências sociais: Comissão Gulbenkian para a reestruturação das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996 [1ª Ed.].

⁸¹ HOLANDA, S. B. de. A quimera do monroísmo. In: *ibid.*, p. 9. Por tratar-se de uma pesquisa em andamento, este artigo não propõe uma visão definitiva ou mesmo acabada sobre as relações de Sérgio Buarque com a monarquia, mas sim a identifica dentro de um regime de historicidade peculiar. Não obstante, ao menos em relação às reflexões de Sérgio Buarque mais diretamente vinculadas à questão do arielismo, não parece apropriado atribuir ao autor uma aderência irrestrita monarquia. É preferível supor que este sistema político foi mobilizado, estratégica e circunstancialmente por ele, para demarcar diferenças com os Estados Unidos. Recorrendo à paradigmática reflexão de João Kennedy Eugênio, acima citada, trata-se de uma “simpatia”.